

**Alaíde Lisboa de Oliveira (1904-2006) e seus escritos sobre alfabetização,  
leitura e literatura infantil****Alaíde Lisboa de Oliveira (1904-2006) and her writings on literacy, reading and  
children's literature**

Juliano Guerra Rocha\*  
Francisca Izabel Pereira Maciel\*\*  
Sara Regina Botelho da Silva\*\*\*

---

**RESUMO:** Alaíde Lisboa de Oliveira foi professora, escritora, jornalista e política com atuação expressiva no âmbito educacional em Minas Gerais, no século XX. A partir de sua biografia, este artigo busca analisar os ideários sobre alfabetização, leitura e literatura infantil por ela difundidos, tomando como objeto de estudo a sua obra “Da alfabetização ao gosto pela leitura”, publicada em 1991. O livro em questão é um compilado de aulas, palestras, artigos e entrevistas da autora, em que expôs suas concepções sobre: o ensino e a aprendizagem iniciais da leitura, o livro de literatura para uso escolar, bem como os critérios para escolha de textos literários dirigidos a crianças. Os resultados apontam que Alaíde Lisboa arquitetou e divulgou uma didática para o ensino da leitura, orientando os professores sobre procedimentos, técnicas e processos para promoção do que concebeu como “leitura mecânica” e “leitura semântica”, bases para constituição dos “hábitos de leitura” literária entre estudantes no ensino primário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alaíde Lisboa de Oliveira. Alfabetização. Leitura. Literatura.

---

**ABSTRACT:** Alaíde Lisboa de Oliveira was a teacher, writer, journalist, and politician with expressive performance in the educational field in Minas Gerais, in the twentieth century. Based on her biography, this paper aims to analyze the ideas about literacy, reading and children's literature disseminated by her, taking as object of study her work “From literacy to the taste for reading”, published in 1991. The book in question is a compilation of the author's classes, lectures, articles, and interviews, in which she demonstrates her conceptions on the initial teaching and learning of reading, the literature book for school use, as well as the criteria for choosing literary texts aimed at children. The results showed that Alaíde Lisboa designed and disseminated a didactic approach to teaching reading, guiding teachers on procedures, techniques, and processes to promote what she conceived as “mechanical reading” and “semantic reading”, the bases for establishing literary “reading habits” among primary school students.

**KEYWORDS:** Alaíde Lisboa de Oliveira. Literacy. Reading. Literature.

---

---

\* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7101-0116>. E-mail: [juliano.guerra@ufjf.br](mailto:juliano.guerra@ufjf.br).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4751-2890>. E-mail: [emaildafrancisca@gmail.com](mailto:emaildafrancisca@gmail.com).

\*\*\* Graduanda em Pedagogia e Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Federal de Juiz de Fora. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4631-5576>. E-mail: [sara.botelho@estudante.ufjf.br](mailto:sara.botelho@estudante.ufjf.br).

## 1 Introdução

Os estudos sobre biografias de mulheres e de escritoras de literatura infantil e juvenil têm se ampliado nas últimas décadas no Brasil. Esse fato pode estar associado tanto à diversificação dos estudos históricos sobre biografia, quanto ao alargamento das pesquisas sobre gênero e suas interseccionalidades. Os eventos acadêmicos da educação, da história e da literatura, em especial, têm apostado em discussões sobre a mulher e sua atuação, desde os tempos mais remotos aos atuais, contemplando esse debate em palestras, mesas redondas e simpósios temáticos, além da presença massiva de comunicações orais e pôsteres sobre o assunto<sup>1</sup>.

Diferentes investigações buscam recuperar fontes sobre e produzidas por mulheres, ou, na ausência delas, trabalham com uma análise indireta das fontes, tal como Starling (2022) discute. Essa abordagem enfrenta a ausência de fontes, que é frequente na historiografia das mulheres, no intuito de protagonizar vidas que foram invisibilizadas, silenciadas, esquecidas.

Nesse sentido, nossas pesquisas têm priorizado, dentre outras temáticas, a biografia de homens e de mulheres, de escritores e de escritoras de cartilhas e de livros para o ensino da leitura e da escrita no Brasil, nos séculos XIX e XX. A partir desse enfoque, temos, mais enfaticamente, investido em figuras femininas por compreender sua extensa participação no mercado editorial escolar, sobretudo no século XX. Neste trabalho, o foco está sobre a vida e a obra de Alaíde Lisboa de Oliveira, uma mulher mineira, atuante em diferentes ramos, que nasceu em 1904, faleceu em 2006, aos 102 anos de idade, e deixou uma extensa obra para a literatura e para a educação brasileira. E como chegamos ao nome dessa professora e escritora?

Em 2022, a partir da proposição do projeto de pesquisa interinstitucional “Magda Soares e alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento”, deparamo-nos com Alaíde Lisboa de Oliveira em vários momentos da vida de Magda Soares, especialmente no contexto

---

<sup>1</sup> A título de ilustração, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) há o Grupo Temático (GT) Gênero, Sexualidade e Educação; na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) há o GT A Mulher na Literatura; já na Associação Nacional de História (Anpuh), o GT Estudos de Gênero. Todos esses GTs propõem eventos variados de abrangência regional e nacional, voltando o debate para as questões de gênero e reunindo diferentes pesquisadores dessa área.

da atuação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>2</sup>. Não apenas aí, mas também em outro projeto de pesquisa em desenvolvimento na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)<sup>3</sup>, cuja temática se concentra no levantamento de autores e autoras de cartilhas e de livros para alfabetização no século XX, notamos a presença de Alaíde e a efervescência de suas ideias no contexto da produção editorial em Minas Gerais. Esses eventos despertaram-nos o interesse em investigar sua biografia, compreender sua atuação intelectual e os discursos por ela produzidos na área da leitura e da escrita.

Dada a amplitude de sua atuação no campo educacional, literário e político, optamos neste trabalho por fazer um recorte e assumimos o objetivo de analisar os ideários sobre alfabetização, leitura e literatura infantil difundidos por Alaíde Lisboa de Oliveira, tomando como objeto de estudo sua obra “Da alfabetização ao gosto pela leitura”, publicada em 1991. Podemos considerar que a obra escolhida para análise neste artigo é uma síntese de seu pensamento, em que a autora se faz presente nos debates e nas polêmicas das áreas da educação e da literatura naquela época, não ficando à margem dessa discussão em âmbito nacional, mas a enfrentando e marcando seus posicionamentos, que se alinhavam à sua própria formação e aos estudos na didática.

Para concretizar esse intento, a metodologia baseou-se numa pesquisa bibliográfica e documental. No que tange à pesquisa bibliográfica, fizemos um levantamento de trabalhos acadêmicos no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), além de artigos e de capítulos de livros que focalizaram a vida da escritora. Outrossim, a pesquisa documental apoiou-se em consulta aos periódicos na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, e aos documentos pertencentes ao Centro de Documentação e Memória da Faculdade de Educação (Cedoc/FaE) da UFMG<sup>4</sup>.

Insta esclarecer que, diante das diferentes pesquisas no campo da alfabetização e da literatura infantil na atualidade, não ensejamos fazer juízos de valor sobre os ideários divulgados por Alaíde Lisboa acerca do tema alfabetização, leitura e literatura no final do

---

<sup>2</sup> Pesquisa interinstitucional iniciada em 2022, envolvendo duas instituições: o Centro de Alfabetização, Leitura Escrita (Ceale/FaE/UFMG) e a Faculdade de Educação da UFJF, sob a coordenação da professora Francisca Izabel Pereira Maciel e do professor Juliano Guerra Rocha.

<sup>3</sup> Pesquisa intitulada “Autoras/es de livros para o ensino da leitura e escrita no Brasil”, sob a coordenação do professor Juliano Guerra Rocha. Agradecemos à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFJF pelo apoio financeiro com uma bolsa de iniciação científica no âmbito desse projeto, em vigência entre os anos de 2023 e 2024.

<sup>4</sup> Agradecemos ao Professor João Valdir Alves de Souza pelo auxílio no acesso das atas de instalação da Faculdade de Educação, na UFMG, em 1968.

século XX. Ao contrário, a partir de uma perspectiva histórica, inserimos os seus discursos no contexto de produção, demonstrando seus posicionamentos em um momento em que a disciplina literatura infantil adentrava a formação inicial de professores para o ensino primário e a presença do livro literário tornava-se mais usual no ambiente escolar, o que impunha a necessária definição de características e critérios para escrita e escolha de textos direcionados ao público infantil.

Tendo isso em vista, foi necessário retomar a biografia de Alaíde, apontando alguns elementos de sua vida e de sua obra, que estão explicitados no próximo tópico, para que, em seguida, pudéssemos fazer uma apreciação mais detalhada do livro “Da alfabetização ao gosto pela leitura” (Oliveira, 1991). Por fim, apresentamos as considerações finais, demonstrando a perspectiva da autora, que, para nós, arquitetou e divulgou uma didática para o ensino da leitura, em especial do texto literário.

## **2 Alaíde Lisboa de Oliveira: vida e obra**

Alaíde Lisboa nasceu dia 22 de abril de 1904, em Lambari, sul de Minas Gerais. Seus pais, João de Almeida Lisboa (farmacêutico e político) e Maria Rita Vilhena Lisboa (dona de casa), tiveram 14 filhos, dos quais apenas 8 sobreviveram. Apesar de não fazerem parte do que se considerava a elite mineira da época, a família possuía posses e privilégios para o contexto do início do século XX.

Alaíde e seus irmãos foram fortemente incentivados a estudar pelos pais, e de sua mãe ouviu incontáveis vezes: “filha minha é para estudar”, o que era, notadamente, um privilégio para o tempo em que viveu (Oliveira, 2000, p. 50). Alaíde fez os estudos primários no Grupo Escolar Dr. João Bráulio Júnior, em sua cidade natal, e na sequência prosseguiu sua formação no Curso Normal do Colégio Nossa Senhora de Sion (1904-1965).

Essa instituição, conforme Lage (2006) expõe, surgiu para atender, inicialmente, à formação da elite feminina na região sul mineira. Localizada na cidade de Campanha, a instituição seguia os princípios católicos, sendo os conteúdos escolares associados aos ensinamentos morais. Seu modelo de ensino era pautado na disciplina, com um currículo bem estabelecido, que previa disciplinas então consideradas essenciais para a formação acadêmica, moral, artística e religiosa da mulher. A aquisição de virtudes, por parte das alunas, era parte do plano educacional da instituição, que adotava unicamente a doutrina católica como orientadora de suas práticas (Oliveira, 2000). O internato feminino do “Colégio de Sion de

Campanha” ganhou fama e recebia alunas de diversas regiões do estado de Minas Gerais, que finalizavam os estudos do Curso Normal com o diploma para o exercício do magistério.

No ano de 1924, com 20 anos, Alaíde mudou-se com sua família de Lambari para o Rio de Janeiro devido ao trabalho de seu pai, eleito como Deputado Federal (Trindade, 2012). Nos anos em que morou no Rio de Janeiro (1924-1933), esteve envolvida no movimento cultural da cidade, participando de diversos eventos oficiais e imersa na vida pública carioca em função do cargo de seu pai.

Em 1933, retornou a Minas Gerais para iniciar seus estudos em uma outra escola importante na formação de professores, a Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Considerada uma escola modelo de formação de professores e de técnicos em educação, pois não havia nessa época o curso de administração escolar, a instituição foi *locus* da formação de Alaíde e de vários docentes mineiros e de outros estados. “Foi criada em Belo Horizonte, como um curso pós-médio, com duração de dois anos, destinado à formação de uma elite educacional propagadora do movimento escolanovista” (Maciel, 2001, p. 18). Resultante do espírito de modernização educacional da Reforma Francisco Campos, em Minas Gerais, a Escola de Aperfeiçoamento foi instituída em 1927, quando um grupo de professoras foi enviado aos Estados Unidos para apropriar-se de recursos e teorias visando à inovação pedagógica; no ano seguinte, com os mesmos fins, o governo enviou para a Europa o professor Alberto Álvares. Dessas missões, resultaram a formação do corpo docente, a adoção de novas disciplinas e o pensamento que foi difundido pela Escola de Aperfeiçoamento, inaugurada oficialmente em 1929 (Biccas, 2011). Em 1934, Alaíde ali concluiu sua formação.

O retorno de Alaíde Lisboa a Minas Gerais marcou uma nova etapa na vida pessoal. Nos primeiros dias em que chegou, conheceu José Lourenço de Oliveira, advogado, professor e escritor. Quando se conheceram, ele já era amigo da família de Alaíde e compartilhavam gostos em comum, fato que os aproximou. No dia 22 de agosto de 1936, casaram-se e tiveram quatro filhos (Oliveira, 2000). A partir de então, Alaíde começou a assinar com o sobrenome do esposo, tornando-se Alaíde Lisboa de Oliveira.

Sua entrada no campo da produção de literatura infantil ocorreu durante a formação na Escola de Aperfeiçoamento, quando escreveu “O Bonequinho Doce”. Grande sucesso como escritora, entretanto, foi o seu segundo livro, que a colocou entre os destaques literários da época: “A Bonequinha Preta”, obra infantil que, de acordo com a autora, possuía também o intuito de contribuir para o combate do preconceito racial.

Além de livros infantis, publicou muitos outros de gêneros variados, como a série “A Poesia no Curso Primário”, cuja primeira edição foi publicada em 1939, em coautoria de Zilah Frota e Marieta Leite. Naquele ano, a obra entrou para a Biblioteca Nacional (Obras Gerais, 1939), evidenciando o impacto das produções da autora, que começava a ocupar destaque no cenário educacional de Minas Gerais e do país. Nessa obra, as autoras apresentam suas concepções acerca do trabalho com os livros de literatura infantil e defendem a formação estética dos alunos nesse campo. As educadoras tinham por objetivo orientar os professores sobre a parte artística e literária do processo educativo do trabalho com a poesia (Guimarães; Campos, 2023).

Sua atuação na educação tem marcos iniciais: ainda quando residia em Lambari atuou no Ensino Primário; foi Assistente Técnica de Ensino, cargo que, conforme elucidou, era voltado para visitas de inspeção às Escolas Normais mineiras; e, em 1937, passou a lecionar Língua Portuguesa na Escola Normal Modelo de Minas Gerais (Oliveira, 2000).

Além de professora e escritora, trabalhou como jornalista e política. Nas duas últimas funções, obteve destaque. Segundo Silva (2021), sua carreira jornalística teve início no jornal “O Diário”, em 1948, como editora do caderno “O Pequeno Polegar”, destinado ao público infantil, e redatora da coluna “Ensino e Sociedade”. Posteriormente, registrou-se na Associação de Jornalistas Profissionais de Minas Gerais e prosseguiu na função até 1960.

Sua carreira política teve início por influência de seu pai e já em 1943 se tornou Presidente da Associação dos Professores Públicos de Minas Gerais (APPMG). Em seus anos de liderança da Associação, promoveu a visibilidade às necessidades dos professores primários, especialmente com as publicações da “Revista Educando”, de Minas Gerais, produzida pela APPMG, na qual Alaíde atuou como redatora (Beschizza, 2022).

Citada pela Revista “Reação Brasileira” como “brilhante intelectual” (Magalhães, 1944), Alaíde deu um importante passo em sua vida profissional e tornou-se a primeira Vereadora de Belo Horizonte. No dia 19 de julho de 1949, tomou posse na Câmara Municipal (Vereadora..., 1949), onde atuou pela educação em Minas Gerais. A respeito dessa fase, a partir dos estudos empreendidos por Miranda (2019) e Silva (2021), podemos compreender que Alaíde foi responsável por avanços no cenário educacional ao propor a expansão de escolas municipais em Belo Horizonte, pela criação da Casa de Cultura e por prestar apoio à Reforma do Ensino Primário. Todavia, Miranda (2019) explicita que, apesar do intenso desejo

de contribuir para a educação em seu estado, em 1952 renunciou ao cargo de Vereadora, por questões éticas, pois era contrária às decisões políticas de seu partido.

Assim, retornando somente às atividades no campo educacional, em 1950 foi convidada para ser professora assistente da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Minas Gerais (atualmente, PUC Minas) nas disciplinas de Didática Geral e Especial. Em 1º de julho de 1951, foi admitida, também na área de Didática, na Universidade de Minas Gerais (UMG), que depois tornou-se a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e, após a Reforma Universitária de 1968, compôs o quadro de profissionais responsáveis pela construção da Faculdade de Educação (FaE/UFMG). Assim, a antiga Faculdade de Filosofia, que teve entre seus fundadores o seu marido, José Lourenço de Oliveira, deu origem à nova Faculdade de Educação. Nomes como o de Magda Soares – admitida em 1º de setembro de 1959 – também fizeram parte da fundação da instituição (Rocha; Oliveira; Maciel, 2023).

No âmbito da UFMG, Trindade (2012) expõe que Alaíde, entre 1957 e 1971, atuou como Diretora do Colégio de Aplicação, cargo geralmente confiado às professoras catedráticas da disciplina de Didática.

Em consulta à documentação do acervo do Centro de Documentação e Memória da FaE/UFMG, nos cadernos de atas do Fundo FaE, encontramos a informação de que no dia 26 de novembro de 1968 ocorreu a 1ª sessão de instalação da Faculdade de Educação da UFMG, quando se iniciaram os trâmites referentes à organização e formação do seu corpo docente. Alaíde participou de muitas sessões e contribuiu de forma significativa para a organização da FaE/UFMG. Inicialmente, o Regimento da Faculdade de Filosofia era utilizado para orientar as decisões do projeto, então Magda Soares propôs a criação de um regimento próprio para a nova Faculdade de Educação, sendo apoiada por Alaíde.

Seus primeiros cargos na recém-criada FaE/UFMG foram os de professora de Didática Geral e Especial e coordenadora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Liderou a equipe de organização do Mestrado em Educação na UFMG, escolhida pelo Reitor da época, o professor Marcello Vasconcelos Coelho (Trindade, 2012).

Em 1970, Alaíde viajou para o exterior por, aproximadamente, 40 dias, para observar como eram os cursos de pós-graduação das universidades de outros países. Ela começava a marcar a Faculdade de Educação com suas ideias de pesquisa e de inovação, contudo o primeiro projeto do Mestrado não foi aprovado. Apesar disso, o projeto idealizado por ela

abriu portas para o que viria a ser o Programa de Pós-Graduação da FaE/UFMG, em que atuou como docente.

Entre os prêmios que recebeu, destacam-se: o título de Cidadã Belo-horizontina por sua atuação na vida pública, em 1976; Medalha do Mérito Educacional, da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, em 1984; Medalha Santos Dumont, do Governo do Estado de Minas Gerais, em 1986; e Prêmio Crítica e Interpretação, da União Brasileira de Escritores, em 1997, entre outros.

Após uma longa jornada como educadora, jornalista e política, Alaíde aposentou-se em 23 de abril de 1979. Nesse mesmo ano, recebeu o título de professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais por suas contribuições à instituição de ensino. Na ocasião, Magda Soares estava como Diretora da FaE/UFMG, sendo responsável pelo discurso em nome da Congregação da instituição no momento da entrega do título. Após sua aposentadoria, continuou o trabalho como escritora, publicando alguns livros e, em 1995, foi eleita para a Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 6. No ano de 2004, quando completou seu centenário, Alaíde teve seu nome aprovado para a Biblioteca da Faculdade de Educação, onde ainda há um acervo doado pela família da professora.

Alaíde Lisboa de Oliveira faleceu aos 102 anos de idade em Belo Horizonte, em 4 de novembro de 2006. Deixou um legado de mais de 30 obras inventariadas até esse momento, além de diversos artigos, entrevistas e discursos publicados em revistas e em jornais. Do conjunto de sua produção, elegemos um livro para compreendermos parte de seus ideários acerca da alfabetização, de leitura e de literatura infantil, aspecto que será contemplado no próximo item.

### **3 A obra “Da alfabetização ao gosto pela leitura” em foco**

Em 1991, Alaíde Lisboa de Oliveira lançou “Da alfabetização ao gosto pela leitura” pela Editora Imprensa Oficial, de Belo Horizonte. A obra em questão é fruto de um compilado de textos que, nas palavras da autora, reúne “aulas, palestras, artigos, entrevistas de momentos vários, sobre literatura infanto-juvenil, leitura, gosto literário, hábito de ler” (OLIVEIRA, 1991, p. 9).

**Figuras 1 e 2.** Capa e contracapa do livro “Da alfabetização ao gosto pela leitura”

**Fonte:** Acervo pessoal do professor Juliano Guerra Rocha.

Com a dimensão de 15 x 20,5 cm, 120 páginas, o livro apresenta, na primeira e segunda “orelhas”, os depoimentos de personagens atuantes em Minas Gerais, ligados especialmente à educação, à política e à literatura: Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Cely Vilhena, José Afrânio M. Duarte, Lacyr Schettino, Marco Antônio Souza, Raimundo Nunes e Tasso Ramos de Carvalho. Os fragmentos desses autores foram advindos de comentários anteriores à publicação, enaltecendo Alaíde por sua erudição, sua atuação e sua competência, além da sua sensibilidade e amor ao trabalho educacional, tal como Drummond expõe. Drummond até mesmo publicou no “Jornal do Brasil”, em 1982, trechos de discursos de Alaíde para ratificar seus pontos de vista sobre o uso de antologias literárias na escola e na educação de crianças e adolescentes (Oliveira, 1991).

O livro é composto de uma apresentação, seguida de dez capítulos e apêndices contendo quatro textos, nesta ordenação: a transcrição de um depoimento publicado no “Suplemento Pedagógico de Minas Gerais” em 1982; uma entrevista concedida à Bibliotecária da Escola Municipal Maria das Neves, em BH, em 1984; uma palestra intitulada “Poesia na educação” proferida na Rádio Inconfidência, em BH, em 1939; uma entrevista na Rádio Emissoras Associadas, em BH, em 1952, cujo entrevistador foi Silveira Neto.

Oliveira (1991), já na abertura, faz agradecimento às mestras da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte: Alda Lodi, Amélia Monteiro de Castro, Guiomar Meireles, Helena Antipoff, Jeanne Milde e Lúcia Casasanta, que a teriam marcado e são, de certa forma, citadas ao longo dessa e de outras obras. Em um livro autobiográfico, Oliveira

(2000) retoma aspectos dessa influência, fazendo menção às disciplinas que cursou com essas docentes na Escola de Aperfeiçoamento e seus respectivos ensinamentos:

Alda Lodi  
 notável professora a transmitir  
 as Metodologias de Ensino  
 [...]  
 Lúcia Casasanta  
 na viva inteligência  
 a analisar os problemas  
 de ensino de “Língua Pátria”  
 [...]  
 Amélia Monteiro de Castro  
 nas suas aulas  
 de informações claras, nítidas  
 no esboço de Sociologia  
 [...]  
 Paralelamente lecionava  
 Didática das ciências sociais  
 [...]  
 Na educação física  
 Guiomar Meirelles  
 [...]  
 Aulas de desenho  
 Professora: a Artista Jeanne Milde  
 [...]  
 (Oliveira, 2000, p. 107-109).

Helena Antipoff foi referenciada em capítulo à parte e sempre retomada como uma professora que influenciou Alaíde em várias áreas da vida, sobretudo a partir do contato que tiveram quando foi sua aluna. Com Antipoff, para além dessa relação de professora e aluna, também manteve vínculos de amizade e de convivência em espaços familiares:

Helena Antipoff, mais uma excelente Professora da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico. [...].  
 Dois meses antes da morte, Mário de Andrade veio a Belo Horizonte em visita a minha irmã, sua grande amiga Henriqueta Lisboa, amizade bem marcada na publicação das cartas *Querida Henriqueta*. Mário demonstrava um gosto especial pela comida mineira e, a convite nosso, foi ele comer tutu, lombo, couve bem verde, etc. num almoço lá em casa. E eu me lembrei de convidar D. Helena, um encontro de duas criaturas geniais.  
 (Oliveira, 2000, p. 110, 115-116).

Os ideários escolanovistas difundidos na Escola de Aperfeiçoamento marcaram a atuação de Alaíde e estão expressos na obra “Da alfabetização ao gosto pela leitura”, foco de análise neste item. A grande questão posta nesse livro é como desenvolver nas crianças o

“gosto literário” ou “hábito de ler” literatura. Esses fundamentos sobre a importância da literatura na alfabetização vêm de suas aulas nas disciplinas ministradas por Lúcia Casasanta na Escola de Aperfeiçoamento. Havia na “grade curricular” do curso de Metodologia da Língua Pátria, ministrada por Casasanta, um tópico específico sobre Literatura Infantil, assim como cada aluna da Escola de Aperfeiçoamento deveria produzir um livro para alfabetização, em geral um pré-livro ou cartilha, ou livro de literatura (Maciel, 2001). Foi nesse contexto que Alaíde produziu seus primeiros livros infantis.

Oliveira (1991) lança reflexões diversas, conceituando literatura infantil e infantojuvenil, explicitando procedimentos para o ensino de leitura, e, sobretudo, o tema principal da obra concentra-se nos critérios para o professor escolher textos e livros literários para o público infantil, tudo isso ensejando encaminhar “soluções de problemas nas relações leitura-literatura” (Oliveira, 1991, p. 9). Esse aspecto da busca pelas soluções de problemas educacionais, em especial no campo da alfabetização, é marcante no período em que Alaíde atuou, sendo comuns discursos em defesa de procedimentos, técnicas, abordagens teóricas que, longe de um ideário tradicional, buscavam colocar a criança como sujeito ativo na aprendizagem.

O livro tem o primeiro capítulo marcado pelo debate em torno da alfabetização, expondo hipóteses para as possíveis dificuldades que as crianças têm na aprendizagem inicial da leitura e, na sequência, apresenta algumas sugestões para saná-las. As dificuldades destacadas por Oliveira (1991) se distinguem por sua origem: biológica, social, metodológica e vinculada ao material didático.

Sobre o fator biológico, Oliveira (1991) discute o desenvolvimento de cada sujeito, demonstrando aspectos de natureza orgânica que afetam a aprendizagem da leitura: “visão e audição”; “dicção – pronúncia”; “desenvolvimento psicomotor”; “potencialidade” para aprender, devido às condições “mentais, afetivas, psicomotoras” do aluno. Ressalta a necessidade de, a depender do caso, realizar o encaminhamento da criança aos especialistas, mas também de o professor criar situações que podem colaborar para que ela participe das atividades em sala de aula, ao seu modo, “tudo num clima natural, simples, agradável, sem constrangimentos” (Oliveira, 1991, p. 15).

O segundo aspecto está relacionado ao social, chamando a atenção tanto para as questões relativas à fome e à desnutrição, quanto ao baixo repertório de vocabulário que um estudante advindo de camadas populares tem, se comparado a outro estudante com mais

oportunidades, o que, para ela, afeta diretamente a aprendizagem da leitura. Dessa forma, advoga pela necessidade de o professor aproveitar o repertório do alunado, mas ampliá-lo com “novas experiências, principalmente verbais” (Oliveira, 1991, p. 13).

Um aspecto a destacar é que Oliveira (1991) se alinhava ao pensamento sobre alfabetização daquele momento no Brasil, em que há ressonância dos testes de prontidão e das atividades preditoras para aprendizagem da leitura e da escrita. Ao mesmo tempo, no que tange à dimensão metodológica da alfabetização, explicita a necessidade de o professor se sentir seguro para concretizar qualquer que seja o método de ensino, dando-lhe autonomia para essa escolha, desde que acompanhe os resultados da aprendizagem dos estudantes. Nesse ponto, a partir de sua experiência pessoal, não desconsidera as vantagens do método de silabação, caracterizado pelo ensino das sílabas e, a partir disso, a composição de palavras, frases e textos. A silabação faz parte do conjunto de métodos sintéticos de alfabetização, que se contrapõem aos métodos analíticos.

Na história da alfabetização em Minas Gerais, as Reformas de Ensino, especialmente a partir do século XX, tentaram propagar os métodos analíticos, sendo essa, aliás, a opção da Escola de Aperfeiçoamento. Nesse período, os livros destinados à alfabetização de crianças e produzidos por professores mineiros tiveram uma grande influência dos ideários veiculados por Lúcia Casasanta na Escola de Aperfeiçoamento, fazendo com que muitas produções se voltassem para metodologias que iniciassem por contos ou historietas, para depois explorar as sentenças, palavras e sílabas (Frade; Maciel, 2006). É interessante analisar que Alaíde não nega esses princípios, uma vez que a leitura e a exploração de textos literários é uma ação que ela defende para o cotidiano escolar, na obra em tela e em outros de seus escritos. Sua defesa é que

Metodologias não muito bem dominadas pelo Professor perturbam muitas vezes o bom andamento das atividades. A insegurança na aplicação de método vai refletir na atitude dos alunos. Já um pouco de criatividade do Professor pode fazer o método tornar-se mais interessante para os alunos (Oliveira, 1991, p. 16).

No excerto, Oliveira (1991) expressa sua concordância com a crítica das professoras para colocarem em prática o método global de contos: demandar conhecimentos e tempo para desenvolver as 5 fases/etapas metodológicas do método: fase do conto ou historieta; fase da sentencição; fase da porção de sentido; fase da palavrção e fase da silabação (Maciel, 2001).

Retomando os possíveis fatores que geram as dificuldades na leitura das crianças, Oliveira (1991) finaliza o primeiro capítulo fazendo uma exposição sobre a questão dos materiais didáticos, dando ênfase à ilustração nos livros. Critica imagens que ilustram livros de leitura empobrecendo os textos, argumentando que elas deveriam enriquecer as narrativas e não apenas retomá-las. O conjunto de características em torno da materialidade do livro conduzem ou não o interesse das crianças pela leitura. Portanto, ela defende um cuidado estético, nos elementos verbais e não verbais, nas obras que têm como destinatários os estudantes em processo de alfabetização.

Os demais capítulos da obra fazem uma discussão mais adensada sobre a leitura e a literatura a partir de um viés didático. A preocupação de Oliveira (1991) é oferecer reflexões que permitam ao professor pensar atividades e propostas metodológicas para o ensino da leitura e do uso do livro literário em sala de aula. A partir dessa perspectiva, optamos, aqui, por explicitar alguns de seus ideários.

A formação de valores éticos, morais e religiosos inculcados nas obras literárias é defendida por Oliveira (1991), o que vai ao encontro da sua própria formação cristã, à qual se refere com muito orgulho em seus escritos autobiográficos e em várias passagens de seus textos e discursos. O catolicismo é uma marca histórica e cultural na formação do povo mineiro desde o período imperial e foi dominante até meados da década de 70. Havia, praticamente em todas as salas de aula das escolas públicas, o crucifixo acima do quadro de giz. Alaíde diz:

Dêem-se, às crianças e adolescentes, os trechos do Evangelho, mensagem de sabedoria que move e comove não apenas os católicos, não apenas os essencialmente cristãos mas, ainda, todos aqueles que valorizam o que cada homem tem de humano. As Sagradas Escrituras têm sido a força de grandes povos através do tempo (Oliveira, 1991, p. 24).

Essa noção coaduna-se com a defesa que fez sobre a função ética da literatura, somada a outras funções por ela explicitadas, a saber: lúdica, afetiva, intelectual, instrucional, linguística, estética e motivadora. Vale aludir que a insistência pelas marcas de cunho moral nos textos dirigidos às crianças são, para Oliveira (1991), características de uma obra literária e estão evidentes em seus próprios livros infantis, especialmente os do gênero fábula, como em “Como se fosse gente” e “Outras fábulas”, ambos publicados pela Editora Lê, de Belo Horizonte.

Alaíde, entretanto, ressalta que esse fundo moralizante não pode se sobrepor à “beleza literária do texto”, dimensão que era debatida pelos estudiosos e pesquisadores da época, no campo da recém-criada disciplina de literatura infantil. Em suas palavras, “a literatura infantil ou infanto-juvenil, desde que mantenha alto nível literário, pode ser educativa, pode transmitir valores morais” (Oliveira, 1991, p. 52). O pesquisador Oliveira (2015) demonstra que esse “tom moralizador” dos textos literários passou a ser criticado, especialmente a partir da década de 1980, no meio acadêmico, cujo ponto de vista centrava-se na defesa da “liberdade de criação estética desse gênero literário, desvincilhada dos padrões moralistas predominantes em quase todo o século XX” (Oliveira, 2015, p. 284).

Além do viés moral, a autora também insere outras características que podem estar presentes nos textos literários, definindo critérios para uma escolha de livros dirigidos às crianças, que podem ser organizados em dois polos: o que ela nega e o que ela aprova na literatura infantil.

Com relação aos atributos que nega para escolha de um livro infantil, é bastante enfática ao não concordar com a presença de “nome feio” ou “palavrão” em textos para crianças; não aprova a presença de “realismo grosseiro”, de modo que o texto aborde uma realidade social mais difícil de ser compreendida pelo universo infantil; abomina “erros de português” em livros infantis, alegando que a criança ainda não consegue distinguir a coloquialidade e a erudição na fala e na escrita.

Com relação aos aspectos que Oliveira (1991) aprova para o livro de literatura infantil, podemos mencionar o destaque que faz à necessidade de ele ter um “bom nível artístico”, em que a linguagem verbal e não verbal é pensada para a criança, com a capacidade de ser lúdica e, por isso mesmo, envolvente, recreativa, divertida e agradável; expõe a obrigação de o livro ter riqueza vocabular, ampliando o repertório linguístico das crianças; aproxima-se da concepção de um texto que precisa desenvolver culturalmente a criança, portanto precisa se adequar à idade e às experiências desse leitor e de seu mundo. A autora também realça a fantasia como essencial no livro infantil sem perder de vista a realidade, que, no caso da criação literária, estão entrelaçadas. Afinal, em suas palavras, “para a criança, a realidade e a fantasia muitas vezes se confundem” (Oliveira, 1991, p. 55).

A partir desses elementos que compõem os critérios para escolha de um livro ou de um texto literário para crianças, Oliveira (1991) adverte que o professor fará um trabalho de leitura mecânica e de leitura semântica, sendo a primeira, de certo modo, um pré-requisito

para a segunda, embora precisem ser trabalhadas de maneira associada já nos primeiros anos do ensino primário. A leitura mecânica é a capacidade de decodificar, vocalizar o que está escrito, sem atropelos, sem silabar. Já a leitura semântica é aquela que capta o sentido do texto, em que o aluno compreende o que está sendo dito e consegue recuperar os seus significados. O domínio de ambas as leituras, mecânica e semântica, é imprescindível à formação de hábitos de leitura, uma vez que “sem o domínio mecânico e semântico, em pouco tempo, em poucas folhas percorridas, vem o cansaço. O desembaraço na leitura permite horas seguidas de contato com os textos, sem fadiga” (Oliveira, 1991, p. 46).

Por fim, um último aspecto que gostaríamos de enfatizar na obra em análise e que revela os ideários de Alaíde Lisboa sobre o ensino da leitura é a responsabilidade da família e da escola na formação dos hábitos de leitura das crianças. Fica evidenciado um discurso compensatório sobre a escola, que deve se responsabilizar em promover ambientes leitores, quando as crianças, especialmente das camadas populares, não têm contato com livros e leituras em casa. A escritora argumenta que a escola precisa “compensar” essas defasagens para que isso não impacte no rendimento dos alunos.

Esse ideário dialoga com a perspectiva sobre educação e leitura difundido naquele período histórico, e que foi justamente objeto de análise na obra “Linguagem e Escola: uma perspectiva social”, de Magda Soares, publicada em 1986. Soares (1986) analisa os discursos em torno do fracasso na/da escola daquele momento, mas que ainda hoje não foram totalmente superados. Tomando como enfoque a cultura e a linguagem das crianças, Soares (1986) demonstra e critica a associação que se fazia da carência cultural ou linguística dos alunos com o fracasso escolar, gerando ações de um ensino compensatório. Na obra de Oliveira (1991), esse paradigma está presente:

A escola tem de compensar as deficiências do lar e oferecer, nas horas regulamentares de trabalho, as melhores oportunidades de trabalho, as melhores oportunidades de desenvolvimento, de modo especial da linguagem oral e escrita. O esforço inicial do professor vai ser grande, mas compensador dos resultados (Oliveira, 1991, p. 26).

Compreendemos, a partir das análises feitas, que Alaíde criou em sua obra uma didática para o ensino da leitura, especialmente do texto literário. Apoderando-se dos ideários do que definiu como uma “nova didática” (Oliveira, 1978), que concebia novos objetivos de ensino, um novo modelo de professor e de aluno e uma revisão sobre a matéria a ser ensinada, os métodos, os processos, as técnicas e os procedimentos. A escritora delineou enfoques que,

a seu ver, eram necessários para práticas de ensino e de aprendizagem da leitura em sala de aula. Fica ainda mais nítida essa questão quando, em passagens do livro “Da alfabetização ao gosto pela leitura”, relacionou ações a serem adotadas pelo professor para conduzir a criança na leitura de poesia. Há de se destacar que essas ações foram anunciadas como sugestões que o professor poderia enriquecer a partir de sua criatividade.

### **3 Considerações finais**

Alaíde Lisboa foi uma mulher que pode ser investigada sob diferentes óticas. Neste trabalho focamos em seu pensamento educacional acerca do aprendizado inicial da leitura e da escrita e do gosto pela leitura. Abordamos a Alaíde professora, comprometida com a alfabetização das crianças, preocupada com a repetência e o reiterado fracasso escolar nas séries iniciais, com a didática utilizada pelo docente e o seu olhar atencioso para as crianças – diferentes quanto ao seu contexto e em seu modo de aprender.

A biografia da escritora traz as marcas de sua formação, iniciada no renomado Colégio Nossa Senhora de Sion, instituição feminina confessional de formação cristã, dirigido por uma congregação religiosa francesa. A Escola de Aperfeiçoamento, em Belo Horizonte, também foi importante na trajetória de Alaíde Lisboa. Nessa instituição, as propostas metodológicas para o ensino da leitura e da escrita advindas das aulas com Lúcia Casasanta e, principalmente, os conhecimentos resultantes do Laboratório de Psicologia, coordenado pela professora Helena Antipoff, foram instâncias que influenciaram o modo de Alaíde pensar sobre o processo de alfabetização, o ensino da leitura e da literatura infantil, temas que fizeram parte de sua obra “Da alfabetização ao gosto pela leitura” (Oliveira, 1991).

No que diz respeito à alfabetização, a autora, sem ter a pretensão de classificar as causas do fracasso escolar no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita, conforme discutimos, apontou possíveis aspectos que considerava importantes no fazer pedagógico do professor alfabetizador. Ao longo do trabalho, não tivemos a intenção de resenhá-los, mas de elucidá-los à luz do contexto sócio-histórico e das experiências didático-pedagógicas vivenciados pela autora, que colaboram para afirmarmos que Alaíde Lisboa estava inserida nos debates educacionais do século XX, atenta ao movimento escolanovista e às mudanças paradigmáticas no ensino de língua escrita daquele momento histórico.

A análise da citada obra revelou que a escritora pressupunha que o gosto pela leitura, em especial a literária, teria contribuições do desenvolvimento da leitura mecânica, ou seja, da

plena capacidade desenvolvida pelo estudante em decodificar textos com fluência. Após desenvolvido esse tipo de leitura, o professor auxiliaria para a leitura semântica, daí a importância de ele ter critérios muito bem definidos e claros para a escolha de um livro literário adequado ao público infantil.

Como advertimos, não nos cabe tecer críticas ao seu pensamento, mas chama-nos a atenção a sua atualidade no panorama da alfabetização em pleno século XXI, em que ainda continuam altos os índices de crianças que não dominam a leitura e a escrita no final do ciclo de alfabetização. Algumas questões, para essas considerações finais, gostaríamos de retomar e ressaltar adiante.

A preocupação com a formação sólida do alfabetizador esteve presente na defesa de uma proposta de alfabetização com qualidade. Tudo isso vai conduzir um processo em que o professor saiba o que fazer e como deve agir para que a criança aprenda a ler e a escrever. Ademais, Alaíde destacou a importância de que, no início do ano letivo, o docente esteja atento às diferenças nos modos de aprender das crianças e em suas linguagens. É interessante retomar os questionamentos que fez ao abordar as diferenças de linguagens entre as crianças de camadas sociais distintas: “Às vezes perguntamos se as experiências de uma criança do morro, mais solta, serão menores do que as de uma criança de apartamento; ou as experiências da criança de apartamento são mais parecidas com as da própria escola?” (Oliveira, 1991, p. 13).

Como vimos, na visão da escritora, a escola deveria, de certa forma, “compensar” essas diferenças, preenchendo lacunas no repertório linguístico e literário das crianças, decorrentes de sua origem social. Atualmente, mesmo com a visão “compensatória” já superada e criticada, o que a autora defende ainda é alerta para pensarmos na responsabilidade da instituição escolar e do professor em oportunizarem ambientes de letramento para as crianças que não têm contato com os livros e com a literatura em casa. Sem desconsiderar sua infância, saberes e experiências, é imperioso que o professor alfabetizador desenvolva uma ação emancipatória por meio e com os livros de literatura infantil.

A questão de qual o melhor método de alfabetização, debatida até hoje, foi analisada por Alaíde, que retomou a sua experiência pessoal com o método silábico. Argumentou que há “criança que aprende a ler com qualquer método ou até mesmo sem um método específico” (Oliveira, 1991, p. 15). Entretanto, observou que isso não ocorre com a maioria dos estudantes e cabe ao professor ter o domínio sobre o método escolhido, saber usar suas

técnicas e etapas, respeitando o desenvolvimento dos alunos. Para a autora, o alfabetizador precisa ter segurança na aplicação do método, pois isso vai refletir na atitude dos estudantes, assim como é importante a criatividade do docente em tornar o método mais interessante para as crianças. Nesse ponto, o ideário pedagógico de Alaíde difere da formação recebida na Escola de Aperfeiçoamento, com Lúcia Casasanta, enquanto professora de Metodologia de Língua Pátria. Lúcia Casasanta era defensora ardorosa do Método Global de Contos; em contraposição, percebe-se a flexibilidade de Alaíde para o uso dos conhecimentos de qualquer método, pois, afinal, para ela, independentemente do método utilizado, é preciso descobrir o fio de interesse da criança e suas predisposições, bem como a hora de saber explorá-los.

Esses ensinamentos de Alaíde podem ir ao encontro do que Magda Soares também defendia: para alfabetizar é necessário ter método (Soares, 2016). Ou seja, procedimentos que conduzam o estudante, gradativamente, na aprendizagem da língua escrita. Alaíde e Magda foram ambas professoras de didática, portanto esse aspecto conduziu seus escritos e marcou seus pensamentos em torno da necessidade de o docente ter segurança em como realizar uma aula que conceba a criança, sua cultura e os conhecimentos a serem adquiridos para apropriação do sistema de escrita alfabética e dos usos e das funções sociais da língua escrita. Diante de tudo isso, Alaíde Lisboa ainda ressalta,

Lembramos: a competência ou o bom senso do professor ainda é o melhor caminho para que se atinjam resultados satisfatórios; as metodologias, os procedimentos se valorizam nas mãos, no coração, no espírito do bom Professor, que estará sempre atento às causas do fracasso de seus alunos e aos meios de eliminá-las, ou, pelo menos, diminuir seus efeitos (Oliveira, 1991, p. 22).

Por fim, advertimos que sobre o pensamento educacional de Alaíde ainda há muito o que ser pesquisado. Neste trabalho começamos a trilhar alguns de seus ideários sobre os temas da alfabetização, leitura e literatura infantil, acreditando que outros diálogos serão decorrentes. Eis, pois, o nosso convite!

## Referências

BESCHIZZA, Rafaela Magalhães França. **Revista Educando**: uma estratégia de formação da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais (1940-1945). 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48135/tde-08062022-083833/pt-br.php>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BICCAS, Maurilane de Souza. Reforma Francisco Campos: estratégias de formação de professores e modernização da escola mineira (1927-1930). In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 e 1946)**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). Fontes para a história da alfabetização e dos livros em Minas Gerais: os impressos e o arquivo. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG / RS / MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira; CAMPOS, Rafael Ubirajara de Lima. Poesia na escola: como ler e escolher poemas na visão de Alaíde Lisboa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**. Série Ensaios, n. 42, 1º sem./2023. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3231.2023n42p135-155>.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Escolas Confessionais femininas na segunda metade do século XIX e início do XX: os estudos acerca do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha (MG). In: **Navegando na História da Educação Brasileira**. Campinas: Graf. FE: HISTEDBR/ UNICAMP, 2006. Disponível em: [https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/ana\\_cristina\\_p\\_lage\\_artigo.pdf](https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/ana_cristina_p_lage_artigo.pdf). Acesso em: 05 fev. 2024.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-86PRY6>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MAGALHÃES, Basílio de. Poesia e prosa numa estância hidromineral. **Reação brasileira**, Rio de Janeiro, maio de 1944. Disponível: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MIRANDA, Nina Cláudia Mendonça Campos de. **Análise de assunto das imagens dos cartões-postais do acervo Alaíde Lisboa de Oliveira: o uso do aboutness e do ofness na extração dos conceitos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31576>. Acesso em: 15 jan. 2024.

OBRAS GERAIS. **Revista do livro: resenha mensal bibliográfica**, ano I, n. 2, setembro de 1939. Disponível: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Nova didática**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, FENAME, 1978.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Da alfabetização ao gosto pela leitura**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Se bem me lembro...** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788579836688>

ROCHA, Juliano Guerra; OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Magda Soares, professora e orientadora: atuação de uma intelectual a partir da FaE/UFGM. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 20, Edição Especial, 2023. DOI: <https://doi.org/10.47249/rba2023786>.

SILVA, Izamara Barbosa Arcanjo Ferreira. **Representações e imaginários na produção discursiva de jornalistas: intelectuais mineiros (1932-1964)**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/48210>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

STARLING, Heloisa. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo: filha do país das Minas. In: STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia (orgs.). **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

TRINDADE, Graziela Santos. **Alaíde Lisboa e as práticas pedagógicas: contribuições para uma história didática em Minas Gerais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012.

VEREADORA BELORIZONTINA. **Jornal de Notícias**, ano IV, n. 993, quarta-feira, 20 de julho de 1949, p. 3. Disponível: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Artigo recebido em: 26/05/24 Artigo aprovado em: 29/06/24 Artigo publicado em: 23/08/24